

APTIDÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: CRENÇAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA DE ALUNOS DO 1º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO INTEGRAL EM REDENÇÃO, CE.

João de Sousa Oliveira Filho¹
Kaline Girão Jamison²

Resumo

Este artigo analisa as crenças dos alunos do 1º ano de uma escola pública de ensino médio integral (EEMTI) em Redenção-CE, em relação à aptidão para aprender língua estrangeira, especificamente da língua inglesa, utilizando um questionário de perguntas selecionadas à aptidão de língua estrangeiras presentes no Inventário de Crenças sobre a Aprendizagem de Línguas (BALLI) já utilizado em outras pesquisas como a de Monteiro (2023). Esta pesquisa busca compreender as percepções dos alunos sobre suas habilidades e capacidades de aquisição de um novo idioma. A análise feita aponta a importância de compreender essas crenças, uma vez que influenciam a motivação e o desempenho acadêmico desses alunos. Neste trabalho observamos diversas contribuições que podem auxiliar educadores e pesquisadores na compreensão e aprimoramento de práticas, em análise de resultados obtidos através das perspectivas dos próprios estudantes.

Palavras-chave: Ensino médio; Crenças; Aptidão; Língua Inglesa; Aprendizagem.

Abstract

This article analyzes the beliefs of first-year students at a public comprehensive high school in Redenção - CE, concerning their aptitude for learning a foreign language, specifically English, using a questionnaire of selected questions on foreign language aptitude from the Beliefs About Language Learning Inventory (BALLI) which has been used in other studies such as Monteiro's (2023). This research seeks to understand students' perceptions of their abilities and capacities to acquire a new language. The analysis carried out points to the importance of understanding these beliefs since it influences the motivation and academic performance of these learners. In this study, we observed various contributions that can help educators and researchers to understand and improve practices, by analyzing the results obtained from the students' perspectives.

Keywords: High school; Beliefs; Aptitude; English language; Learning.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, aprender uma Língua Estrangeira (LE) representa um avanço significativo no âmbito educacional, especialmente quando direcionamos nossa atenção para o

¹ Graduando em Letras Língua Inglesa pela UNILAB. E-mail: joaofilhounilab@gmail.com

sistema de ensino público. Nesse contexto complexo, diversos fatores sociais, econômicos, familiares e crenças, exercem influência no êxito ou insucesso da aquisição de um novo idioma. Entre esses, as crenças desempenham um papel relevante, frequentemente relacionadas às origens sociais e ao ambiente acadêmico dos estudantes das escolas públicas. Essas crenças contribuem de maneira significativa para a interação dos alunos com as línguas estrangeiras.

O conceito de crenças pode variar de um lugar para outro e pode estar em vários contextos, por exemplo, Charles S. Peirce (1877/1958), filósofo americano, define crenças como “ideias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar” (p. 91), isso desde os mais simples até aqueles mais complexos como é o caso da nossa análise quantitativa, onde buscamos compreender as crenças e as funcionalidades que a compõem, observando as perspectivas de alunos do 1º ano do ensino público de uma escola estadual no município de Redenção-CE.

Diversos pesquisadores, como Almeida Filho (1997), Horwitz (1985), Silva (2005), Barcelos (2006), Leffa (2001), Kalaja (2003), Silva (2007) e em estudos mais recentes Monteiro (2023) têm investigado as crenças no contexto do ensino de línguas estrangeiras, com o objetivo de entender como essas crenças se relacionam com o processo de aprendizagem dos alunos na aquisição de línguas estrangeiras, como o inglês, por exemplo. Esses autores supracitados, em suas obras, destacam frequentemente que a dinâmica da relação dos estudantes com disciplinas de línguas estrangeiras pode resultar em percepções que, por se tratar de crenças, de certa forma, atuam como obstáculos para o sucesso no ensino e na aprendizagem. As pesquisas como a de Monteiro (2023) e Kalaja (2003), por exemplo, visam desvendar como as crenças dos alunos podem influenciar o progresso dos estudantes e identificar possíveis desafios que precisam ser superados para promover um ambiente de aprendizagem mais eficaz.

Nesse contexto, ao analisar diversos conceitos sobre crenças a respeito do ensino e aprendizagem de LE, Barcelos (2006) afirma ser possível fazer algumas observações, uma delas: Todas as definições dos autores, por exemplo (Benson & Lor (1999), Barcelos, (1995), Gardner, (1988), Wenden (1986), Cortazzi & in (1996), Miller & Ginsberg (1995), enfatizam que as opiniões estão intrinsecamente relacionadas à natureza da linguagem e ao processo de ensino/aprendizagem de línguas, ou seja, há um consenso de que as pessoas pensam sobre a aprendizagem de línguas, naturalmente, estão pensando sobre o que é linguagem, o que envolve

a aprendizagem de línguas e abordam aspectos relevantes relacionados à linguagem e ao processo de aprendizagem, abrangendo, em essência, toda a tarefa de aprender uma língua.

Pensar em crenças no contexto de ensino público é entrelaçar aquilo que cada aluno acredita sobre ensino de língua estrangeira ao contexto social que o cerca, mas existem outros fatores relacionados que podem atuar, por exemplo, como obstáculo na aprendizagem, no caso não apenas as crenças, mas como elas são interpretadas no contexto de cada indivíduo. Assim, por exemplo, como complementa Moita Lopes (1996, *apud* RODRIGUES, 2006), a escola pública é um ambiente repleto de mitos que estão relacionados a incapacidade dos estudantes de se conectar com o idioma, associando isso a condições socioeconômicas ou considerando esses alunos “fracos” no que diz respeito à aprendizagem da LE, descartando a contribuição de outros fatores que também podem ser importantes.

Tendo em vista essa perspectiva dos autores (Almeida Filho (1997), Horwitz (1985), Silva (2005), Barcelos (2006), Leffa (2001), Kalaja (2003), Silva (2007) e Monteiro (2023)) em suas pesquisas, o nosso trabalho pode ser mais um instrumento de socialização de informações sobre crenças, podendo atuar como uma ferramenta de estudos para tantos outros pesquisadores que se interessam em analisar crenças no contexto de aprendizagem da LE. Ainda é possível perceber que diante deste trabalho, os resultados obtidos trazem um espelho de como as crenças se comportam em um grupo de alunos egressos do ensino fundamental, podendo construir argumentos que possivelmente justificam o desinteresse desses estudantes em aprender uma segunda língua, levando em considerações as aptidões apontadas no Inventário de Crenças sobre a Aprendizagem de Línguas (BALLI).

Ao navegar pelas informações disponíveis nesta pesquisa, será possível fazer uma análise quantitativa das concordâncias e discordâncias em relação às crenças apresentadas com relação à aptidão na aprendizagem de LE. Este artigo se propõe a guiá-lo meticulosamente por uma jornada de pesquisa, abrangendo desde os conceitos fundamentais de crenças até as metodologias adotadas para conduzir o estudo. Destaca-se que a coleta de dados emerge como a ferramenta central desta investigação, uma vez que nosso principal objetivo é compreender o comportamento dessas crenças no contexto acadêmico e social dos alunos. Exploraremos, ao longo deste percurso, como os estudantes percebem essas crenças em seus presentes e vislumbram seus impactos futuros.

Portanto, é importante compreender as ferramentas que utilizamos neste trabalho para obter os resultados desejados. Estes estão espelhados em uma série de estratégias já utilizadas por outros autores, como KALAJA(2003), BARCELOS(2003) e MONTEIRO (2023), que também utilizaram uma perspectiva parecida para analisar crenças, no caso, os questionários onde os resultados são os reflexos obtidos mediante as respostas organizadas em escala Likert, criada pelo psicólogo norte-americano Rensis Likert (1932), uma ferramenta muito importante, para verificar o quanto os alunos concordam ou discordam das crenças apresentadas.

Por fim, neste trabalho, há uma sequência de fatos, desde a sua idealização, construção de argumentos, possíveis hipóteses a dados bastante precisos sobre o contexto escolar analisado e os discentes nele inseridos. E com esses dados, construímos uma discussão sobre crenças que podem contribuir significativamente para possíveis outros trabalhos sobre aptidão na aprendizagem de LE e como as crenças estão associadas aos sucessos e insucessos na aprendizagem de Língua estrangeira.

1. CRENÇAS NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: CONCEITOS.

De acordo com Botassinib (2015), As crenças têm sido instrumento de pesquisas de muitos estudiosos e pesquisadores de diversas áreas, dessa forma se torna complexo defini-las, pois cada área a tem com um objetivo diferente . Apesar dos diferentes objetivos tornarem as crenças complexas de serem definidas, podemos observar que elas são de forma geral, opiniões formadas, convicções ou até mesmo atitude de quem acredita em algo, segundo dicionário de língua portuguesa.

Segundo Barcelos (2006), as crenças podem ser compreendidas como instrumentos ou ferramentas disponíveis para nós, que podemos escolher utilizar ou não, dependendo da situação, da tarefa em questão e das pessoas com as quais estamos interagindo. Essa perspectiva ressalta a flexibilidade das crenças e como elas se adaptam às circunstâncias, ou seja, como elas também podem surgir para os nossos alunos. Essa abordagem reconhece que as crenças não são fixas, mas sim influenciadas por diferentes fatores, como a experiência pessoal, o contexto cultural, as interações sociais e o ambiente de aprendizado. Em determinadas situações, uma pessoa pode optar por aplicar suas crenças de forma consistente, enquanto em outras, pode ajustá-las para atender melhor às demandas da situação.

As crenças são muitas vezes associadas a pensamentos ou ato de crer, mas também são ferramentas de expressão de opinião e muitas vezes de associação ao que as pessoas acreditam sobre algo, a fé que elas depositam em determinadas afirmações. É possível perceber isso no diálogo da pesquisa de (PEIRCE, 1877 apud SILVA, A., 2005, p. 67), que afirma que as crenças são ideias que se alojam na mente das pessoas, como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar. Da mesma forma, (BARCELOS, 2004 apud SILVA, A., 2005, p. 69) aponta que não é somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca.

Almeida Filho (1993) por sua vez, um dos maiores estudiosos sobre crenças, explora a ideia de que os conceitos desta estejam associados a forças capazes de influenciar todo o processo de ensino e aprendizagem de LE. Assim, podemos utilizar as crenças como uma ferramenta de compreensão no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, para nos auxiliar em pesquisas de grupos específicos, como é o caso da nossa pesquisa quantitativa, com o intuito de analisar as perspectivas dos discentes egressos do ensino fundamental sobre aptidões na aprendizagem de uma segunda língua.

As crenças são, em muitos casos, consideradas positivas e/ou negativas, tendo em vista sempre o contexto em que o indivíduo está inserido. Como afirma HORWITZ (1996), algumas dessas crenças podem ajudar enquanto outras podem ser extremamente prejudiciais para a aprendizagem da língua. No contexto da nossa pesquisa, é perceptível que as crenças são de fato significativas, já que trazem, um reflexo das convicções dos estudantes como um obstáculo presente em suas aprendizagens.

2. METODOLOGIA APLICADA

Nesta abordagem de pesquisa quantitativa, optamos por empregar um questionário amplamente reconhecido na comunidade acadêmica dedicada ao estudo das crenças no ensino de língua inglesa: o Inventário de Crenças sobre a Aprendizagem de Línguas (BALLI). Desenvolvido por Joan Rubin em 1975. Este inventário tem sido uma ferramenta valiosa para avaliar as crenças dos aprendizes de línguas em relação ao processo de aprendizagem. Ao longo dos anos, passou por revisões e refinamentos.

O BALLI, também utilizado por KALAJA (2006), consiste em uma série de afirmações que abordam diversos aspectos da aprendizagem de línguas. Os participantes são solicitados a

indicar seu nível de concordância ou discordância com cada uma dessas afirmações. As temáticas abordadas referem-se, mas não limitam-se, a questionamentos sobre a importância da prática regular, a confiança na habilidade de aprender uma língua estrangeira e a eficácia de métodos específicos. Essa abordagem proporciona uma visão abrangente das perspectivas e crenças dos participantes em relação à aprendizagem de línguas.

Neste questionário específico, aplicado na escola abordada em nossa pesquisa, utilizamos uma versão adaptada, desenvolvida por Monteiro (2023), previamente aplicada em uma instituição de ensino de outro município. Essa adaptação revelou resultados significativos, embora em um contexto e realidade distintos dos nossos. Importa ressaltar que, para conduzir essas sessões de coleta de dados, seguimos um roteiro meticuloso, onde um dos principais fatores a ser levado em consideração foi: A escolha do questionário para a aplicação e o grupo de alunos selecionados para participar da pesquisa. Por meio dessa abordagem cuidadosa, podemos entrar em uma discussão fundamentada sobre os objetivos que almejamos alcançar com a aplicação desse questionário aos alunos em questão.

2.1.CONTEXTO ESCOLAR E AS PERSPECTIVAS DOS DISCENTES SOBRE AS CRENÇAS ANALISADAS

O contexto escolar em questão é a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Padre Saraiva Leão, uma pioneira na educação do Maciço de Baturité. Esta instituição carrega uma marca notável, sendo a única centenária na região do Maciço. No entanto, em 2019, por vários motivos, a escola precisou passar por uma mudança de localização, ocupando um prédio que, até então, encontra-se em reforma. Essa mudança visa, no futuro, acomodar um maior número de estudantes, não apenas do município, mas também de cidades vizinhas.

A escola é frequentada por estudantes de todas as áreas da cidade, que atualmente é composta por cinco distritos, abrangendo desde o centro da cidade até áreas rurais mais distantes que fazem fronteira com outros municípios. A identidade da escola é moldada por uma diversidade de estudantes provenientes de diferentes contextos econômicos e sociais. Nesse ambiente, a instituição se esforça para integrar de forma eficaz e harmoniosa todos os alunos que pertencem a várias partes da cidade e região. Diariamente, a escola enfrenta uma variedade de situações específicas que são fundamentais para a construção contínua de uma identidade que visa formar cidadãos, futuros profissionais e indivíduos com amplos conhecimentos e aprendizados obtidos na escola.

De acordo com Nunan (2000), em seu estudo com narrativas de aprendizes, as atitudes, opiniões e abordagens dos alunos em relação à aprendizagem de línguas representam momentos específicos em suas trajetórias como aprendizes. Essas opiniões, atitudes e abordagens estão intrinsecamente ligadas a interpretações de experiências de aprendizagem de línguas em contextos educacionais e sociais específicos. Sem uma compreensão do contexto, torna-se necessário compreender um significado mais profundo a outras narrativas, ou seja, as crenças são vistas como condições ou situações em que os indivíduos estão permitindo uma variação de percepção a cada aluno, por exemplo.

Dessa forma, essa escola desempenha um papel fundamental em nossa pesquisa, pois representa o essencial para enriquecer nossos resultados: a diversidade. É por meio dessa diversidade que, ao analisar as respostas dos alunos à nossa pesquisa sobre crenças no ensino de língua estrangeira, podemos realizar um estudo mais preciso, levando em consideração que essas respostas vêm de diferentes olhares e formas de ver o contexto de aprendizado, corroborando, assim, com a visão de Nunan (2000) de que cada vivência é uma experiência única e traz elementos específicos. Cada aluno traz consigo uma bagagem única, originária de diferentes realidades e contextos sociais e econômicos diversos. Essas origens distintas podem resultar em visões variadas sobre a evolução e como essas origens se manifestam em cada um deles com relação às suas percepções na aprendizagem do inglês.

Conforme relatos de professores, uma das principais dificuldades enfrentadas pela instituição, especialmente no ensino do inglês, é a limitação do tempo em sala de aula. Frequentemente, o tempo disponível não é suficiente para explorar plenamente as nuances do idioma. Isso leva à necessidade de concentrar mais esforços no ensino de conteúdos gramaticais, que os alunos frequentemente desconsideram como parte envolvente do aprendizado, contribuindo para uma maior resistência às abordagens de ensino. Além disso, diante desse contexto, os alunos frequentemente manifestam uma sensação de desânimo em relação à disciplina. Isso ocorre quando percebem uma desconexão entre o conteúdo e o processo de aquisição do idioma, levando-os a acreditar que tais momentos de aprendizado carecem de objetivos concretos relacionados aos seus futuros.

Quando analisamos a instituição em questão no contexto de sua localização e dos alunos provenientes de diversas realidades, abrangendo desde aqueles com condições financeiras mais favoráveis, que frequentaram escolas particulares, até os que cursaram escolas públicas rurais,

percebemos, por meio da aplicação dos formulários, uma ampla gama de percepções relacionadas às crenças de aptidão. Nesse cenário, reconhecemos que os resultados destes formulários podem fornecer uma visão mais precisa do nosso foco de estudo com base nas respostas dos alunos. O formulário, dentro do ambiente escolar e entre os alunos, fornece insights significativos sobre as crenças de aptidão. Cada resposta que se integra aos nossos dados contribui para uma compreensão mais aprofundada de como essas crenças são percebidas pelos alunos desta instituição.

Uma das nossas maiores preocupações estava relacionada à receptividade do formulário pelos alunos. Na maioria das vezes, Levando em consideração as diversas situações avaliativas que os estudantes são submetidos no contexto escolar, eles podem ter a impressão de que o formulário de necessidades é uma forma de avaliar o que eles estão aprendendo na disciplina de inglês. Além disso, eles podem pensar que se trata de um questionário para medir seu conhecimento ou relacionar o ensino de língua estrangeira ao seu nível de inteligência.

No entanto, é importante que os alunos compreendam que o questionário não tinha o propósito de diagnosticar a disciplina de inglês nem de avaliar a escola quanto ao ensino desse idioma. Em vez disso, o objetivo do formulário era permitir que os alunos expressassem suas percepções sobre a aprendizagem em diferentes contextos. Desse modo, Eles tiveram a oportunidade de compartilhar suas experiências e vivências individuais em relação ao ensino da língua estrangeira e como isso se relaciona com seu próprio processo de aprendizagem.

2.2. INVENTÁRIO DE CRENÇAS SOBRE A APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS (BALLI) NA APLICAÇÃO DO FORMULÁRIO.

As crenças são investigadas constantemente, e a ferramenta BALLI tem sido utilizada como base e ferramenta de pesquisa em inúmeros trabalhos de autores como Kalaja(2006), Barcelos(2004), Almeida Filho(1997) e Horwitz(1995). O Inventário de Crenças sobre a Aprendizagem de Línguas (BALLI) foi desenvolvido por Horwitz(1985, em resposta a desafios enfrentados por professores de idiomas durante suas aulas. Recentemente, uma pesquisa feita por Monteiro (2023) no município de Aracoiaba, em uma Escola Profissional, na tentativa de buscar respostas para o comportamento das crenças na aprendizagem de língua estrangeira, com um pequeno público de estudantes do 3º ano do ensino médio, bem simétrico ao propósito principal deste trabalho, utilizando também o inventário proposto.

Assim, nessa perspectiva, envolvemos nossos objetivos em também aplicar esse formulário capaz de nos fornecer informações para compreender as crenças e como elas atuam na vida e perspectiva dos discentes. Ao compreender os objetivos das pesquisas, colocamos em prática a aplicação do Inventário, levando em consideração as adaptações até então realizadas pela autora na sua pesquisa mais recente sobre crenças. Além disso, fomos em busca de, na nossa realidade, compreender também os efeitos ou de como essas crenças são vistas por nosso público.

Cada uma das perguntas selecionadas propõe um objetivo diferente, porém, todas elas espelham em aptidões na aprendizagem de LE. As perguntas selecionadas e retiradas do Inventário são:

Quadro 1- Questionário da categoria de aptidão da língua estrangeira da versão de BALLI (1988) traduzida e adaptada por Monteiro (2023).

Categoria de Crenças de Aptidão da Língua Estrangeira Relatada por Estudantes de Língua Inglesa do Ensino Médio.	
<i>Em cada item foi utilizado uma escala, seguindo um grau de discordo totalmente (1) ao concordo totalmente (5). Apenas uma categoria de crenças no aprendizado de línguas foi escolhida para serem aplicados e analisados: Crenças de Aptidão de LE.</i>	
Afirmação	Objetivo
É mais fácil para crianças do que para adultos aprenderem uma língua estrangeira.	Compreender se os alunos acreditam que para aprender uma língua estrangeira é necessário passar por esse processo de aquisição em um tempo certo da sua linha temporal.

<p>Algumas pessoas têm habilidades especiais para aprender a língua inglesa.</p>	<p>Compreender se os alunos apontam que é preciso carregar consigo um “dom” para se aprender línguas, caso contrário, não há possibilidade de aquisição de um novo idioma.</p>
<p>Pessoas da minha cidade são boas em aprender línguas estrangeiras.</p>	<p>Compreender a avaliação dos alunos no que diz respeito ao seu contexto social, a aquisição de um novo idioma e como esse processo pode ou não acontecer.</p>
<p>É mais fácil para quem já fala um idioma estrangeiro aprender outro idioma.</p>	<p>Compreender se os alunos acreditam que para se aprender uma língua estrangeira, é preciso já ter passado por um processo de aquisição de uma outra língua.</p>
<p>Pessoas que são boas em matemática não são boas em aprender línguas estrangeiras.</p>	<p>Compreender se os alunos acreditam que suas habilidades de aprendizagem só podem estar focadas em disciplinas específicas.</p>
<p>Eu tenho habilidade especial em aprender língua estrangeira.</p>	<p>Compreender se esses alunos acreditam ser capazes ou não de aprender uma língua estrangeira.</p>
<p>Mulheres são melhores que homens ao aprenderem língua estrangeira.</p>	<p>Compreender se os alunos acreditam que a aquisição de um novo idioma está relacionada aos seus respectivos gêneros, favorecendo alguns desses para aquisição de LE.</p>

Pessoas que falam mais de um idioma são muito inteligentes.	Compreender se os alunos acreditam que fatores como: a aquisição de um novo idioma podem tornar as pessoas mais inteligentes que aquelas que não só falam a língua materna.
Todo mundo pode aprender uma língua estrangeira.	Compreender se os alunos acreditam que aprender língua estrangeira é uma oportunidade que qualquer pessoa pode abraçar ou ter capacidade para aprender.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023) adaptado de Monteiro (2023), Vibulphol (2003), Kuntz (1996).

A partir da análise do inventário, pudemos aprofundar nossa compreensão das realidades dos alunos no que diz respeito aos seus contatos com as línguas estrangeiras, dentro de seus contextos sociais e de trajetória acadêmica. As crenças que emergem são reflexo de experiências marcantes, histórias pessoais e trajetórias de aprendizado únicas. No contexto examinado, a tabela acima representa uma exploração dos elementos relacionados à aprendizagem de línguas estrangeiras que os alunos podem expressar. Esses elementos desempenham um papel significativo no processo de aprendizado, podendo influenciar de maneira positiva ou negativa, levando em consideração as perspectivas individuais de cada aluno sobre a LE.

2.3. PÚBLICO ALVO PARA A PESQUISA

Ao considerarmos o formulário de necessidades, procuramos previamente compreender como e quais informações devemos coletar. Essas informações devem estar alinhadas com o nosso foco de estudo, que é a influência das crenças no ensino de língua estrangeira. As turmas do primeiro ano do ensino médio consistem em alunos recentemente provenientes do ensino fundamental. Conforme destacado por Rubim (2000), o modo como o ensino de língua estrangeira é conduzido nas escolas de educação básica, como uma disciplina conteudista que foca apenas em compreender gramática sem instigar em uma aquisição mais proveitosa da LE, ainda está longe de ser ideal, e isso ainda perpetua até os dias atuais, pois nenhuma alteração ha sido feita desde então, os estudantes saem do ensino fundamental sem desenvolver habilidades adequadas para se comunicarem em uma língua estrangeira.

Em outras palavras, persiste uma lacuna que está profundamente enraizada nessas concepções, resultando em uma deficiência que perdura até os dias atuais.

Assim, direcionamos nossa atenção a esse grupo, uma vez que a trajetória acadêmica no ensino fundamental desse aluno pode revelar sua percepção em relação ao inglês. Dessa maneira, torna-se possível justificar seus pontos de vista sobre as crenças que estão presentes em nosso formulário. Embora esses alunos já tenham alguma familiaridade com o inglês, é crucial compreender de que maneira eles abordam o processo de aprendizagem da língua estrangeira durante esses momentos acadêmicos. Conforme indicado pelo autor mencionado anteriormente, essa situação ocorre devido aos métodos empregados no ensino, os quais não resultam em uma aprendizagem significativa. Isso, de certa forma, cria uma distância entre os alunos e a língua estrangeira que está sendo abordada em sala de aula.

Horwitz (1986, *apud* Silva, 2007), surge com o intuito de explorar as crenças na aprendizagem de línguas. Isso envolve a busca por definições específicas de crenças que possam ser identificadas no ambiente da sala de aula. No entanto, como discutido anteriormente, a sala de aula é um espaço diversificado, permeado por diversos contextos individuais.

Ao selecionar os alunos dos primeiros anos para o estudo, a pesquisa visa compreender como as crenças estão arraigadas nesses contextos específicos. A escolha de alunos provenientes do ensino público, das redes municipais, é estratégica. Nesse ambiente, o inglês pode ser abordado de maneira que não desperte o interesse dos alunos, conforme indicado por alguns autores. Essa falta de atração pode levar os estudantes a desenvolver estereótipos sobre a língua estrangeira, o que, por sua vez, os afasta cada vez mais da disciplina.

Assim, percebemos que a pesquisa de Horwitz (1986) concentra-se em investigar como as crenças na aprendizagem de línguas estão intrinsecamente ligadas aos contextos individuais, especialmente em ambientes de ensino público, onde o desinteresse e a formação de estereótipos podem influenciar negativamente a relação dos alunos com a disciplina de inglês, ou seja, podemos compreender que a aquisição de um novo idioma, está associada a que tipo de crenças esses alunos vêm construindo nessa transição de um período para outro (9º ano para 1ª série do ensino médio).

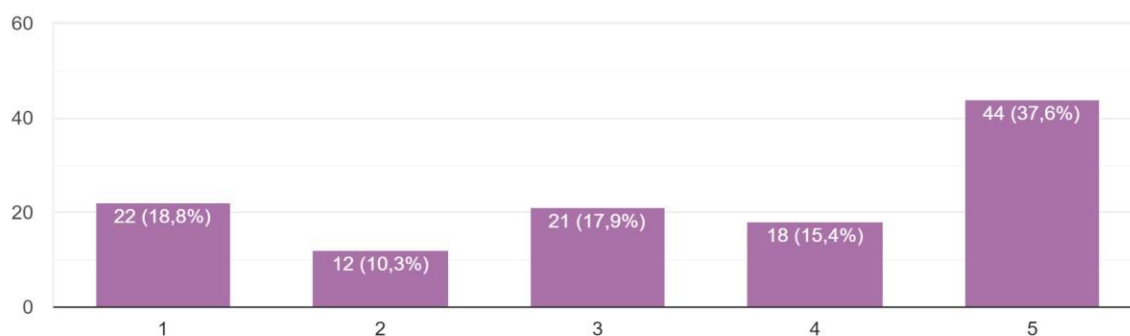
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Quando abordamos a aprendizagem e a aquisição de línguas estrangeiras, deparamo-nos com uma série de desafios que vão além das dificuldades encontradas em sala de aula, como questões gramaticais e conceituais. Estamos também diante de crenças profundamente enraizadas nos diversos contextos sociais em que nossos alunos estão imersos. Diante disso, iniciamos a apresentação da coleta de dados dos gráficos do formulário de necessidades aplicados na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Padre Saraiva Leão, sugerido por Monteiro (2023), compondo, assim, os traços das crenças que os nossos alunos apontam espelhados no inventário de Crenças, segundo suas concepções.

Gráfico 1- Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa com relação a idade.

1. É mais fácil para crianças do que para adultos aprenderem uma língua estrangeira.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente

Fonte: Elaborado por Monteiro (2023) e aplicado pelo autor (2023).

Segundo apontado no gráfico, na concepção dos adolescentes, aprender uma língua estrangeira torna-se um desafio quando percebem, em suas crenças, que já ultrapassaram, segundo eles, a fase ideal para a aquisição linguística. Em outras palavras, muitos desses alunos, provenientes de diversos contextos, expressam a convicção de que é possível aprender inglês, sugerindo que o processo de aprendizado deveria ter sido amplamente abordado desde os primeiros anos de vida. Essa percepção cria uma barreira para o aprendizado do idioma, alimentando a expectativa de que não terão sucesso nessa empreitada linguística nesse período acadêmico.

Finger (2005, p. 17) desafia a ideia convencional de que as diferenças de maturação entre adultos e crianças têm um impacto significativo na faculdade da linguagem. Sua afirmação contesta a validade do chamado "período crítico" para a aquisição de uma língua estrangeira. No público ao qual direcionamos nosso questionário, os alunos expressam a crença de que a língua estrangeira deve ser introduzida na infância. No entanto, conforme apontado por Finger, não há evidências que respaldam essa comparação. A conclusão é clara: a idade não parece ser um fator determinante para os processos de aquisição linguística.

Contrariando a ideia tradicional, Birdsong (1999) reforça a possibilidade de aprendizagem efetiva de uma língua estrangeira na fase adulta. Ele destaca que a fluência pode ser alcançada mesmo quando a aprendizagem tem início na idade adulta. Essa perspectiva desafia a concepção de que a capacidade de aprender línguas de forma eficaz diminui significativamente após um determinado ponto na vida.

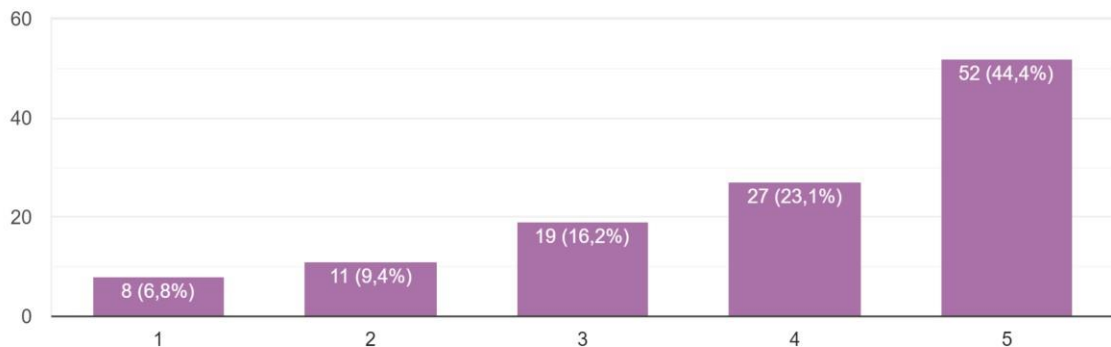
As pesquisas de Finger (2005) e Birdsong (1999) destaca a necessidade de reavaliar as crenças sobre o momento ideal para aprender uma língua estrangeira. Enquanto os alunos expressam a convicção de que a infância é crucial, os estudos sugerem que os adultos têm o potencial de alcançar proficiência equiparável. Essa reconsideração pode influenciar práticas pedagógicas, reconhecendo a capacidade dos adultos de se tornarem proficientes em uma língua estrangeira, desafiando assim preconceitos sobre o aprendizado linguístico ao longo da vida.

Prosseguindo com os desdobramentos da nossa pesquisa, exploramos a maneira como os alunos reagem às crenças, agora sob a ótica das habilidades. Existe a possibilidade de que esses estudantes percebam o ensino de língua estrangeira não apenas como uma instrução convencional, mas sim como algo que demanda habilidades específicas. Talvez a percepção esteja fundamentada na ideia de que adquirir uma nova língua exige habilidades inatas. Os resultados dessa análise são ilustrados no gráfico a seguir.

Gráfico 2- Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa

2. Algumas pessoas têm habilidades especiais para aprender a língua inglesa.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente

Fonte: Elaborado por Monteiro (2023) e aplicado pelo autor (2023).

Sob essa perspectiva, os resultados da pesquisa indicam que os alunos vão além da crença na dificuldade de adquirir um idioma, como o inglês, por exemplo. Em sua maioria, percebem as línguas estrangeiras vinculadas a estereótipos de aprendizado, apontando para a necessidade de habilidades específicas para dominar um novo idioma. Os dados mostram predominância de respostas alinhadas com as tendências do questionário.

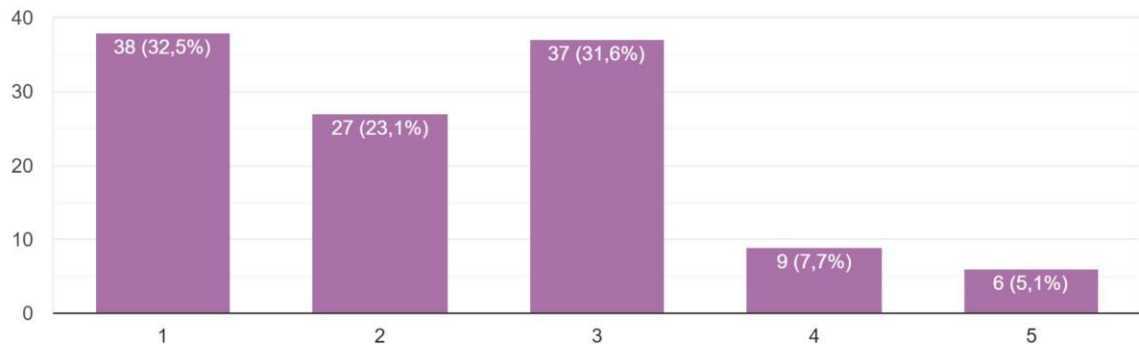
No contexto ativo em que estamos inseridos, os estudantes podem internalizar a ideia de que aprender uma língua estrangeira é uma habilidade única. Suas percepções podem ser moldadas pela crença de que apenas algumas pessoas têm a capacidade de aprender inglês, afastando-se da disciplina e prejudicando a formação de uma conexão mais estreita entre professor, aluno e matéria.

Ao analisar os resultados no gráfico, destaca-se a necessidade de um diálogo mais profundo para compreender as perspectivas dos alunos, que, ao responderem ao questionário, enfatizaram a necessidade percebida de habilidades específicas para adquirir uma nova língua. Ainda analisando as concepções de aptidão em língua estrangeira dos alunos da EEMTI Padre Saraiva Leão, nos desdobramos em conseguir neste formulário entender, em um campo mais geral, de que forma esses discentes enxergavam o inglês por exemplo, dentro do seu meio social. O gráfico a seguir constrói um diálogo bastante intrigante quando nos oferece resultados positivos para a crença destacada no gráfico.

Gráfico 3 - Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa no contexto social.

3. Pessoas da minha cidade são boas em aprender línguas estrangeiras.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente

Fonte: Elaborado por Monteiro (2023) e aplicado pelo autor (2023).

Ao analisar o gráfico que aborda a percepção dos alunos sobre a habilidade da população local em aprender línguas estrangeiras, destaca-se uma tendência clara em direção à discordância com essa afirmação. A maioria dos alunos parece compartilhar a visão de que as pessoas de sua cidade pode apresentar desinteresse pela aprendizagem de idiomas estrangeiros.

Essa consistência nas respostas sugere que a comunidade local é percebida pelos próprios estudantes como não aptos com relação à aquisição de línguas estrangeiras. Essa percepção pode ser influenciada por diversos fatores, como experiências positivas de aprendizagem, a presença de recursos educacionais eficazes na cidade ou até mesmo a observação direta de membros da comunidade que demonstram desinteresse ou frustração com relação a línguas estrangeiras.

É interessante considerar como essa percepção pode impactar a dinâmica cultural e educacional da cidade. Uma população reconhecida por suas habilidades multilíngues pode promover um ambiente mais aberto à diversidade cultural, estimulando a comunicação intercultural e o intercâmbio de conhecimentos.

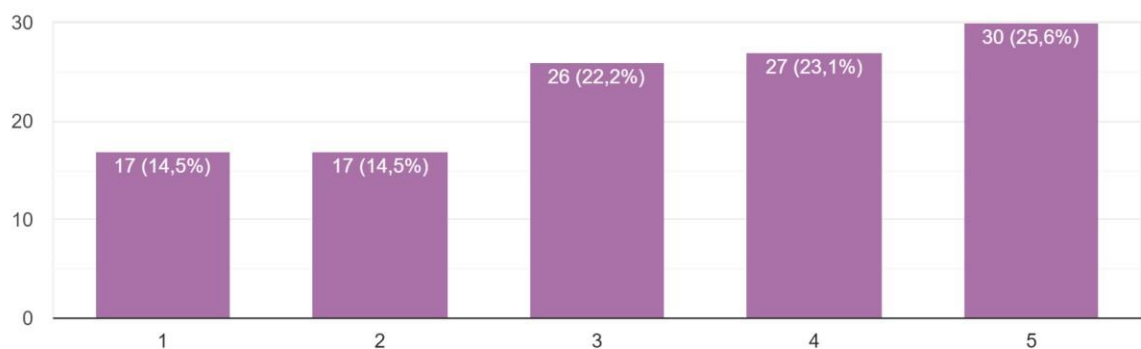
Entretanto, é crucial lembrar que as percepções podem variar e que, por trás dessa tendência positiva, podem existir diferentes experiências individuais. Um diálogo mais aprofundado com os alunos, através de entrevistas ou pesquisas qualitativas, pode fornecer uma compreensão mais completa e nuances sobre essa habilidade percebida de aprender línguas estrangeiras na cidade.

O próximo gráfico revela para nós mais uma crença sobre o ensino de língua estrangeira, associando o sucesso de aquisição de um idioma, a alguns outros fatores como, por exemplo, já ter dominado outra segunda língua. Esse processo de aquisição, dentro do contexto acadêmico do qual esses alunos são egressos, a língua estrangeira pode não ter sido tão presente, portanto, resulta em algo em que os próprios alunos apontam como fator relevante.

Gráfico 4 - Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aquisição de uma LE.

4. É mais fácil para quem já fala um idioma estrangeiro aprender outro idioma.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente

Fonte: Elaborado por Monteiro (2023), adaptado e aplicado pelo autor (2023).

Na discussão representada pela figura, os discentes em questão analisaram as seguintes ideias: um indivíduo que já domina uma segunda língua tem mais facilidade na aquisição de uma terceira língua. Essa percepção pode ser crucial para entender a dinâmica da aquisição de línguas e tem implicações significativas no campo da educação linguística. Os alunos podem argumentar que dominar o conhecimento de uma segunda língua estrangeira pode facilitar a compreensão de conceitos linguísticos universais, como gramática, estrutura de frase e vocabulário, o que poderia tornar a aprendizagem de uma terceira língua mais acessível, porém ressaltam o contrário disso.

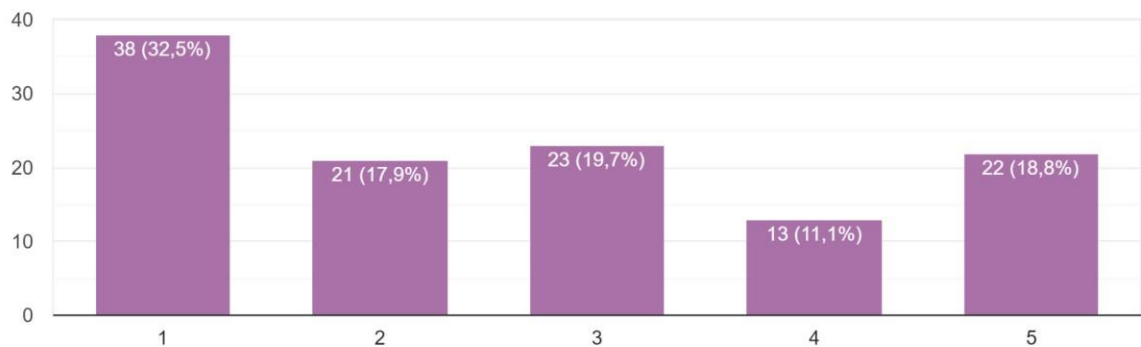
Aqueles que já têm experiência com mais de uma língua estrangeira podem sentir uma maior confiança em suas habilidades linguísticas, o que pode contribuir para uma atitude mais positiva em relação à aprendizagem de uma língua adicional. No entanto os alunos durante a pesquisa ressaltam que nenhum fator como conhecer uma já uma língua estrangeira, pode trazer recursos para se aprender mais uma LE.

Em seguida, buscamos compreender sobre crenças numa perspectiva das disciplinas de Línguas Estrangeiras com relação a outras disciplinas de áreas diferentes como a matemática por exemplo.

Gráfico 5- Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa com relação às outras disciplinas.

5. Pessoas que são boas em matemática não são boas em aprender línguas estrangeiras.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente

Fonte: Elaborado por Monteiro (2023), adaptado e aplicado pelo autor (2023).

A discussão em torno desse gráfico poderia explorar a complexidade das habilidades humanas, desafiando estereótipos e destacando a diversidade de caminhos de aprendizado. A discordância da maioria dos alunos com a afirmação inicial sugere que as abordagens educacionais eficazes podem integrar com sucesso o ensino de diferentes disciplinas. Aprender diferentes disciplinas pode ter benefícios cognitivos. Pessoas que são proficientes tanto em matemática quanto em línguas estrangeiras ou em outras disciplinas, podem ter habilidades cognitivas mais amplas e adaptáveis, ou seja, os nossos estudantes podem estar reforçando este argumento embasados em suas experiências acadêmicas.

A sociedade moderna valoriza a capacidade de integrar conhecimentos de diferentes áreas. A ideia de que habilidades em matemática e línguas estrangeiras podem coexistir é consistente com a necessidade de uma abordagem interdisciplinar em muitos campos profissionais. A pesquisa pode destacar a importância das metodologias de ensino. Se a maioria dos alunos discorda da afirmação, isso poderia sugerir que as abordagens pedagógicas utilizadas na escola estão promovendo o desenvolvimento de ambas as habilidades, ou ainda, pode-se argumentar que o sucesso em matemática e em línguas estrangeiras está ligado a fatores individuais, como motivação, métodos de aprendizagem preferidos e experiências passadas.

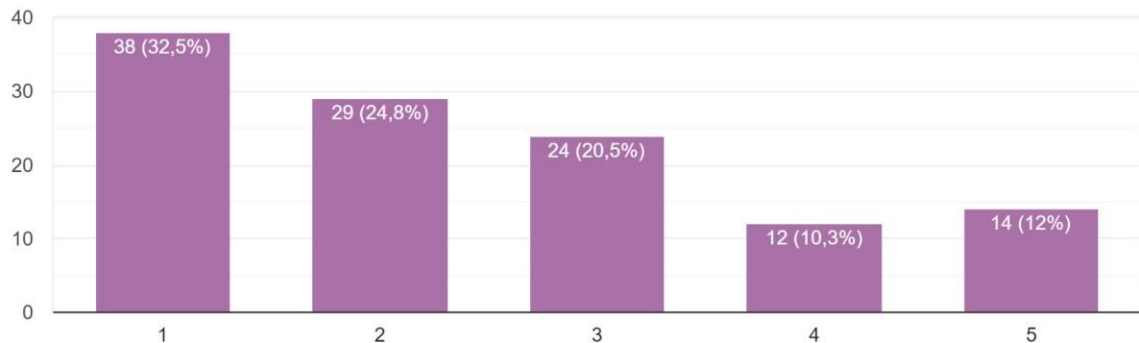
Como num fator geral do que aponta as informações contidas no gráfico, pode ser refletida a ideia de que as habilidades matemáticas e linguísticas são distintas, e ser bom em uma não implica necessariamente ser ruim na outra. Os alunos que participaram da pesquisa podem ter experiências que contradizem a suposição de que as habilidades são mutuamente exclusivas, ou seja, é importante considerar as conclusões da pesquisa realizada na escola, onde a maioria dos alunos discordou da afirmação.

Tomando como partida o gráfico anterior, ao qual consideramos uma discussão bastante interessante, seguimos a reflexão de como esses alunos se comportam diante da aprendizagem de língua estrangeira, apontado no formulário um questionário que expresse em dados esse reconhecimento de como o inglês pode ou não ser inserido no seu contexto social, econômico e ou acadêmico. Esses resultados estão espelhados no gráfico abaixo.

Gráfico 6- Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa na perspectiva individual.

6. Eu tenho habilidade especial em aprender língua estrangeira.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente

Fonte: Elaborado por Monteiro (2023), adaptado e aplicado pelo autor (2023).

Nessa perspectiva, considerando que a maioria dos alunos que participaram da pesquisa não acreditam que ser capazes viver o processo de aquisição de línguas estrangeiras. Há vários pontos importantes a serem abordados que podem de alguma forma está se relacionando a esses posicionamentos, como: autoavaliação e confiança, metodologias de ensino, motivação e interesse, experiências anteriores, diversidade de estilos de aprendizagem, contexto cultural e/ou necessidade de apoio.

A discordância pode sugerir que muitos alunos subestimam suas próprias habilidades linguísticas, os levando a acreditar que a língua estrangeira seja algo que distem de suas realidades e por isso podem, de alguma forma compreender que o inglês por exemplo. A autoavaliação nem sempre reflete com precisão as habilidades reais de aprendizado de línguas. As experiências passadas dos alunos com a aprendizagem de línguas estrangeiras podem influenciar sua autoavaliação. O gráfico trás nitidamente um contexto real que acontece dentro das instituições, os alunos podem ter tido experiências negativas no passado, como citamos anteriormente as relações de aprendizados no ensino fundamental e isso pode vir a torná-los propensos a discordarem de suas próprias capacidades.

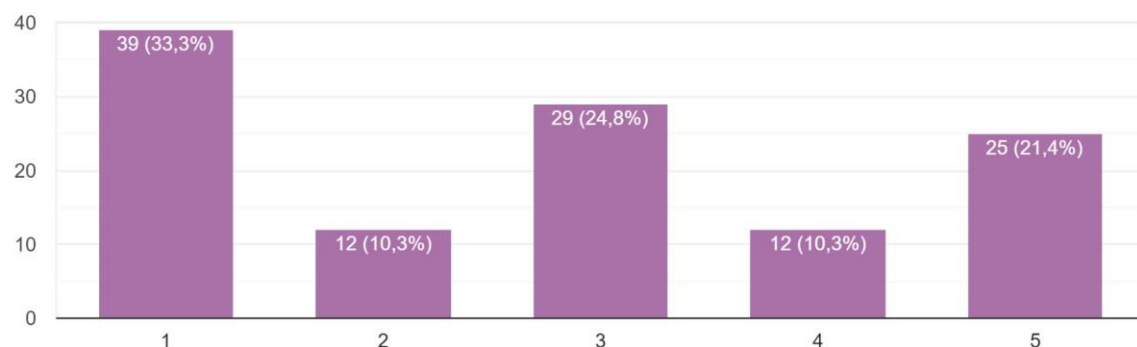
De maneira mais abrangente, a discussão em torno deste gráfico pode explorar a relação entre as percepções dos alunos, a qualidade do ensino de línguas e fatores motivacionais. Pode ser importante investigar mais a fundo as razões subjacentes à discordância para desenvolver estratégias educacionais mais eficazes e promover uma mentalidade mais positiva em relação ao aprendizado de línguas estrangeiras.

Nesse sentido, sobre as percepções individuais sobre a aprendizagem da LE, ainda podemos incorporar nossos argumentos sobre os gêneros envolvidos nessa pesquisa. Compreendemos que ainda existem inúmeros estereótipos que circulam entre os meios acadêmicos e que muitas vezes se tornam tóxicos para os alunos e com isso, esses se distanciam do ensino e não nesse processo a aquisição de conteúdos e consequentemente de aprendizagem ou domínio de uma segunda língua. Isso é possível perceber nos gráficos que nos são expostos abaixo.

Gráfico 7 - Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa na perspectiva individual e de gêneros.

7. Mulheres são melhores que homens ao aprenderem língua estrangeira.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente
 Fonte: Elaborado por Monteiro (2023), adaptado e aplicado pelo autor (2023).

Pode ser interessante explorar como esses estereótipos se desenvolvem e como podem influenciar as expectativas e avaliações dos alunos, porém também é interessante compreender como e por que essa crença pode ser algo tão ainda visto no meio acadêmico. No entanto, no gráfico, os alunos que concordam podem basear suas opiniões em experiências pessoais ou observações de mulheres que são proficientes em línguas estrangeiras. Explorar essas experiências pode fornecer insights sobre como as percepções são formadas.

Nessa perspectiva, devemos estar atentos, pois são dados sobre crenças que influenciam seus contextos sociais e que a concordância dos alunos com a temática pode sugerir a presença de desigualdades percebidas na educação em relação ao aprendizado de línguas. Além disso, destaca ser importante desconstruir estereótipos de gênero no campo educacional. Isso pode envolver iniciativas para promover a igualdade de oportunidades e eliminar preconceitos baseados no gênero.

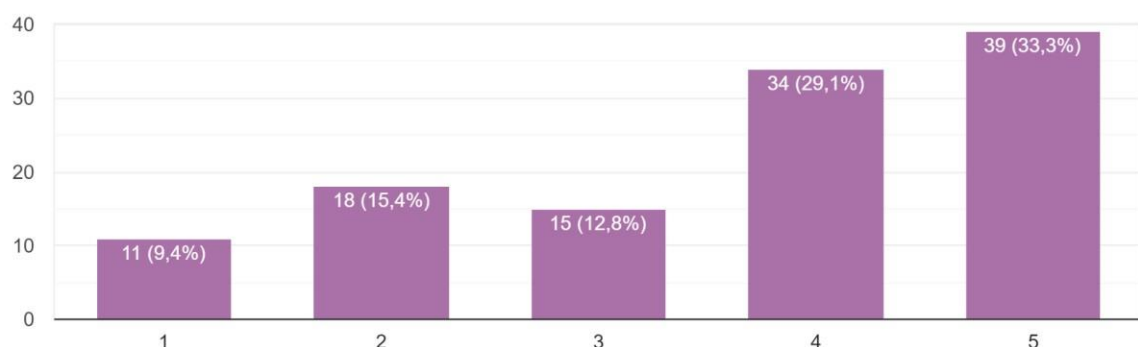
De forma geral, a discussão em torno desse gráfico pode explorar as percepções dos alunos sobre as habilidades linguísticas de homens e mulheres, identificando as razões subjacentes para a concordância e examinando como essas percepções podem impactar as dinâmicas de aprendizado e as oportunidades educacionais. Isso pode fornecer insights valiosos para promover uma abordagem mais equitativa e inclusiva no ensino de línguas estrangeiras.

Dando continuidade à exploração da nossa pesquisa, baseado em seus resultados das crenças que os alunos participaram, seguimos a discussão para um tópico bastante interessante. Há muitas percepções realizadas pelos estudantes, nesse sentido buscamos a seguir compreender como eles veem as pessoas que dominam línguas estrangeiras e como as compreendem dentro de um contexto social ou acadêmico.

Gráfico 8- Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa em um contexto de observador

8. Pessoas que falam mais de um idioma são muito inteligentes.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente
 Fonte: Elaborado por Monteiro (2023), adaptado e aplicado pelo autor (2023).

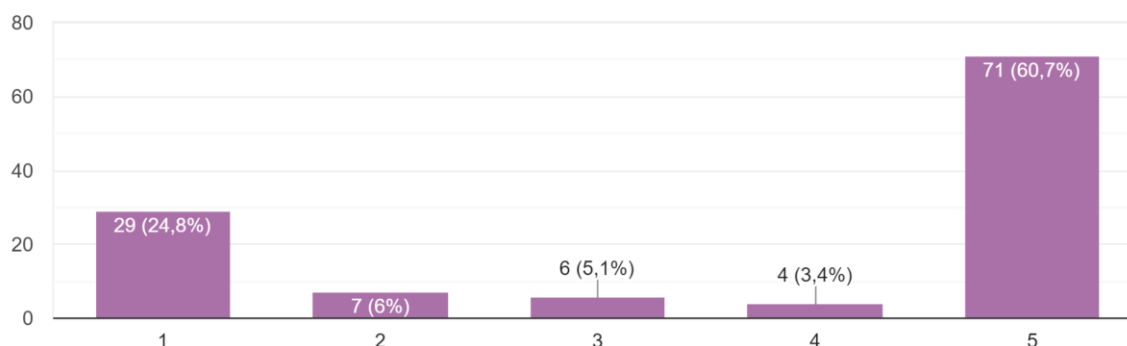
A discussão em torno desse gráfico pode explorar as percepções dos alunos sobre a relação entre inteligência e habilidades linguísticas, identificar influências culturais e educacionais, e promover uma compreensão mais sofisticada do conceito de inteligência. Porém isso pode ajudar a moldar abordagens mais equilibradas em relação à valorização das habilidades linguísticas e à compreensão da inteligência.

Podemos discutir que a inteligência é multifacetada e não deve ser reduzida apenas à habilidade de falar línguas estrangeiras. Desafiar estereótipos e promover uma compreensão mais abrangente da inteligência é relevante nesse contexto. Alunos que concordam podem estar baseando suas opiniões em observações de pessoas que são fluentes em línguas estrangeiras, presumindo que a aquisição dessas habilidades está ligada a um alto nível de inteligência.

Gráfico 8- Dados coletados - Crença sobre habilidades especiais para aprender a língua inglesa em um contexto de observador.

9. Todo mundo pode aprender uma língua estrangeira.

117 respostas



(5) Discordo extremamente; (4) Discordo; (3) Neutro; (2) concordo; (1) Concordo extremamente

Fonte: Elaborado por Monteiro (2023), adaptado e aplicado pelo autor (2023).

Em torno desse gráfico pode-se explorar as razões subjacentes à discordância, abordando questões relacionadas à autoconfiança, experiências passadas, motivação e eficácia das abordagens de ensino. Identificar e abordar essas preocupações pode ajudar a promover uma mentalidade mais positiva em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras e a desenvolver estratégias educacionais mais eficazes.

A autoeficácia, ou seja, a crença na própria capacidade de realizar uma tarefa, pode ser um fator relevante. Se os alunos não se sentem confiantes em sua capacidade de aprender uma língua estrangeira, é mais provável que discordam da afirmação. Nesse sentido, a motivação para aprender uma língua estrangeira desempenha um papel crucial. Se os alunos não veem valor na aprendizagem de uma nova língua ou não têm motivação suficiente, podem acreditar

que não é uma habilidade acessível a todos, ou seja, podem acreditar que aprender uma língua estrangeira é um desafio significativo e que nem todos possuem a capacidade de atingir.

Os resultados indicam uma relação intrincada entre as crenças dos alunos, sua autoavaliação de aptidão linguística e os fatores culturais e sociais que moldam suas perspectivas. Estratégias educacionais que abordam desafios específicos, promovem a prática e incorporam metodologias de ensino envolventes podem ser fundamentais para fortalecer a aptidão para aprender Língua Inglesa entre os alunos do 1º ano.

4. CONCLUSÃO

Em conclusão, este estudo sobre a aptidão de língua estrangeira, centrado nas crenças dos alunos do 1º ano de uma escola pública de ensino médio integral em Redenção, CE, oferece insights valiosos para compreender os complexos aspectos do processo de aprendizagem de línguas estrangeiras nesse contexto específico.

A autoavaliação positiva da aptidão linguística por parte da maioria dos alunos reflete uma confiança inicial em suas capacidades, sinalizando um potencial encorajador para o desenvolvimento das habilidades linguísticas ao longo do tempo. No entanto, é crucial reconhecer e abordar os desafios percebidos, como as dificuldades gramaticais e as barreiras de comunicação, que podem afetar a autoeficácia e a motivação dos alunos.

A influência significativa das crenças culturais e sociais na percepção da aptidão para aprender línguas estrangeiras destaca a necessidade de estratégias educacionais sensíveis ao contexto local. O papel positivo atribuído à experiência prática e a ênfase na importância da metodologia de ensino sugerem áreas-chave para aprimoramentos nas abordagens pedagógicas. Além disso, a descoberta de que atividades práticas, como conversação e intercâmbio cultural são percebidas como facilitadoras no processo de aprendizagem destacando a importância de promover ambientes de aprendizagem dinâmicos e participativos.

Diante da apresentação desta pesquisa quantitativa, foi possível mediar, por meio das conclusões das aptidões apresentadas, insights valiosos sobre as crenças de 117 alunos. Essas crenças refletem as experiências vividas pelos alunos ao longo de sua trajetória acadêmica. A análise dos resultados revela a riqueza desta pesquisa, permitindo-nos compreender as visões dos estudantes em relação a essas crenças e como eles as percebiam dentro de seus ambientes sociais e acadêmicos.

Em face dessas conclusões, percebemos a necessidade de que educadores e formuladores de políticas considerem estratégias personalizadas para atender às necessidades individuais dos alunos, abordando os desafios específicos mencionados. Ao criar ambientes de aprendizagem inclusivos, integrando práticas interativas e contextualizadas, é possível

potencializar a aptidão dos alunos para aprender línguas estrangeiras, promovendo uma experiência educacional mais eficaz e enriquecedora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas. Linguagem & Ensino*, v. 7 n. 1 (2004). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15586>. Acesso em: 25/06/2023. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v7i1.15586>

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. *Revista brasileira de linguística aplicada*, 2001. vol. 1:71-92. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/dXSRMGdSDkTzWwQHhktLQyC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25/06/2023. doi: 10.1590/S1984-63982001000100005

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 8, núm. 2, 2007, pp. 109-138.

BIRDSONG, D. *Second language acquisition and critical period hypothesis*. Mahwah NJ: Laurence Erlbaum Associates, 1999.

FILHO, José Carlos Paes de Almeida Filho. A abordagem orientadora da ação do professor. in: *Seminário de Atualização em Português para Estrangeiros e Culturas Lusófonas – SAPEC*, 1997, Campinas – SP: Pontes, 1997. p. 13-49.

FINGER, I. *Sobre a relação entre GU e aquisição de segunda língua*. Rio de Janeiro, PUC-RJ: 2005.

HORWITZ, E. K. Student affective reactions and the teaching and learning of foreign languages, *International Journal of Educational Research*, Vol 23, Issue 7, 1995.

HORWITZ, Elaine K. Using Student Beliefs About Language Learnig and Teaching in the Foreign Language Methods Course. *Foreign Language Annals*, IS, No. 4, 1985. Texas: The University of Texas at Austin, 1985.

LIKERT, R. (1932). A Technique for the Measurement of Attitudes. *Archives of Psychology*, XXII (140), 1-55.

KALAJA, Paula; BARCELOS, A. M. F; *Beliefs About SLA: New Research Approaches*. 1. Ed. New York: Springer, 2006. p. 87-109.

MONTEIRO, Letícia Keren dos Santos. *Crenças sobre Aptidão de Língua Estrangeira Relacionadas à Aprendizagem de Língua Inglesa por Estudantes do 3º Ano de Ensino Médio de uma Escola Pública em Aracoiaba - CE*. 2023.

NUNAN, D. Seven hypotheses about language teaching and learning. *TESOL Matters*, v.10, n.2, 2000

PEIRCE, Charles Sanders. A fixação da crença. *Popular Science Monthly*, New York, v.12, nov. 1877 – abr. 1878.

RODRIGUES, Janine Marise da Veiga. *Crenças e experiências de aprendizagem de LE (inglês) de alunos de centros interescolares de línguas: um estudo de caso*. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.